



2º EXAME DE QUALIFICAÇÃO 2/10/2005

Neste caderno você encontrará um conjunto de 40 (quarenta) páginas numeradas seqüencialmente, contendo 60 (sessenta) questões das seguintes áreas: **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias**. A tabela periódica encontra-se na página 39.

Não abra o caderno antes de receber autorização.

INSTRUÇÕES

1. Verifique se o seu nome, número de inscrição, número do documento de identidade e língua estrangeira escolhida estão corretos no cartão de respostas.

Se houver erro, notifique o fiscal.

Assine o cartão de respostas com caneta.

2. Ao receber autorização para abrir este caderno, verifique se a impressão, a paginação e a numeração das questões estão corretas.

Caso ocorra qualquer erro, notifique o fiscal.

3. As questões de **números 16 a 21** da área de **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias** deverão ser respondidas de acordo com a sua opção de Língua Estrangeira: **Espanhol, Francês ou Inglês**.

4. Leia com atenção cada questão e escolha a alternativa que mais adequadamente responde a cada uma delas. Marque sua resposta no **cartão de respostas**, cobrindo fortemente o espaço correspondente à letra a ser assinalada; utilize caneta preta, preferencialmente, ou lápis preto nº 2, conforme o exemplo abaixo:



5. A leitora de marcas **não registrará** as respostas em que houver **falta de nitidez e/ou marcação de mais de uma letra**.

6. O cartão de respostas não pode ser dobrado, amassado, rasurado ou manchado. Exceto sua assinatura, nada deve ser escrito ou registrado fora dos locais destinados às respostas.

7. O tempo disponível para fazer esta prova é de, no máximo, **4 (quatro) horas**. Nada mais poderá ser registrado no cartão de respostas após o término deste prazo.

8. Ao terminar a prova, entregue ao fiscal o **cartão de respostas e este caderno**.

BOA PROVA!

Tudo o que existe não se perde porque se transforma, mas as transformações têm seu preço: é preciso que o antigo chegue à tensão máxima para que o novo possa emergir do corte das revoluções. Eis por que abordamos o tema *Tensões e Transformações*: qual equilibristas que se aventuram sobre o fio das tensões, persistimos nesse perigo em nome do desejo de ir além, do direito e do dever de conquistarmos um mundo melhor. Viver por esse sonho já compensa todos os riscos.

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 01 A 05.

O suor e a lágrima

- Fazia calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41. No dia seguinte, os jornais diriam que fora o mais quente deste verão que inaugura o século e o milênio. Cheguei ao Santos Dumont, o vôo estava atrasado, decidi engraxar os sapatos. Pelo menos aqui no Rio, são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos e em poucos lugares avulsos.
- Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coró de abadia pobre, que também pode parecer o trono de um rei desolado de um reino desolante.
- O engraxate era gordo e estava com calor – o que me pareceu óbvio. Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti. Uso-o pouco, em parte para poupá-lo, em parte porque quando posso estou sempre de tênis.
- Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido e começou seu ofício. Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva. Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor, que era abundante.
- Com o mesmo pano, executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira, mas a todo instante o usava para enxugar-se – caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano.
- E foi assim que a testa e a calva do valente filho do povo ficaram manchadas de graxa e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho à custa do suor alheio. Nunca tive sapatos tão brilhantes, tão dignamente suados.
- Na hora de pagar, alegando não ter nota menor, deixei-lhe um troco generoso. Ele me olhou espantado, retribuiu a gorjeta me desejando em dobro tudo o que eu viesse a precisar nos restos dos meus dias.
- Sai daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. Que diabo, meus sapatos não estavam tão sujos assim, por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão. Olhei meus sapatos e tive vergonha daquele brilho humano, salgado como lágrima.

(CONY, Carlos Heitor. *Folha de S. Paulo*, 19/02/2001.)

QUESTÃO 01

As palavras que compõem o título – *O suor e a lágrima* – são usadas fora de seu campo de significação próprio, adquirindo, no texto, significação figurada.

As possíveis interpretações para o sentido figurado observado, respectivamente, nas palavras suor e lágrima são:

- (A) aflição – alívio
- (B) medo – reprovação
- (C) dor – condescendência
- (D) exploração – remorso

QUESTÃO 02

Na composição da narrativa, certos elementos lingüísticos explicitam circunstâncias diversas, imprimindo coerência ao texto.

O fragmento que apresenta um desses elementos sublinhado e a circunstância por ele expressa é:

- (A) "Ofereceu-me o jornal que eu já havia lido" (l. 16) – tempo
- (B) "executou com maestria aqueles movimentos rápidos em torno da biqueira," (l. 21 - 22) – finalidade
- (C) "Nunca tive sapatos tão brilhantes," (l. 28) – modo
- (D) "tudo o que eu viesse a precisar nos restos dos meus dias." (l. 33 - 34) – lugar

QUESTÃO 03

A tomada de consciência do personagem-narrador acerca dos abismos sociais vai-se aguçando gradativamente a partir de certo ponto da narrativa.

Os primeiros sinais dessa tomada de consciência estão adequadamente representados por um processo de adjetivação presente na seguinte alternativa:

- (A) "Pelo menos aqui no Rio, são raros esses engraxates, só existem nos aeroportos" (l. 5 - 7)
- (B) "Sentei-me naquela espécie de cadeira canônica, de coro de abadia pobre," (l. 8 - 9)
- (C) "O engraxate era gordo e estava com calor" (l. 11)
- (D) "Meio careca, o suor encharcou-lhe a testa e a calva." (l. 17 - 18)

QUESTÃO 04

As comparações, ao destacarem semelhanças e diferenças entre elementos colocados lado a lado, funcionam como estratégias por meio das quais se ressaltam determinados pontos de vista.

Uma comparação está indicada no seguinte fragmento:

- (A) "Fazia calor no Rio, 40 graus e qualquer coisa, quase 41." (l. 1 - 2)
- (B) "caso contrário, o suor inundaria o meu cromo italiano." (l. 23 - 24)
- (C) "e o meu sapato adquiriu um brilho de espelho à custa do suor alheio." (l. 26 - 27)
- (D) "deixei-lhe um troco generoso." (l. 31)

QUESTÃO 05

A crônica de Carlos Heitor Cony é uma crítica à hierarquia econômico-social que prevalece em nossa sociedade.

O ponto de vista do narrador sobre essa hierarquia está exemplificado por meio de metáfora em:

- (A) "Elogiou meus sapatos, cromo italiano, fabricante ilustre, os Rosseti." (l. 12 - 13)
- (B) "Pegou aquele paninho que dá brilho final nos sapatos e com ele enxugou o próprio suor," (l. 18 - 19)
- (C) "Saí daquela cadeira com um baita sentimento de culpa. (l. 35 - 36)
- (D) "por míseros tostões, fizera um filho do povo suar para ganhar seu pão." (l. 37 - 38)

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 06 A 10.

A aldeia que nunca mais foi a mesma

Era uma aldeia de pescadores de onde a alegria fugira, e os dias e as noites se sucediam numa monotonia sem fim (...).

Até que o mar, quebrando um mundo, anunciou
05 de longe que trazia nas suas ondas coisa nova, desconhecida, forma disforme que flutuava, e todos vieram à praia, na espera... E ali ficaram, até que o mar, sem se apressar, trouxe a coisa e a depositou na areia, surpresa triste, um homem morto...

10 E o que é que se pode fazer com um morto, se não enterrá-lo? Tomaram-no então para os preparativos de funeral, que naquela aldeia ficavam a cargo das mulheres: às vezes é mais grato preparar os mortos para a sepultura que acompanhar os vivos na morte
15 que perderam ao viver. Foi levado pra uma casa, os homens de fora, olhando...

(...)

As mãos começaram o trabalho, e nada se dizia, só os rostos tristes... Até que uma delas, um leve tremor no canto dos lábios, balbuciou:

20 – “É, se tivesse vivido entre nós, teria de se ter curvado sempre para entrar em nossas casas. É muito alto...”

E todas assentiram com o silêncio.

(...)

Foi então que uma outra, olhando aquelas mãos enormes, inertes, disse as saudades que arrepiavam
25 a sua pele:

– “Estas mãos... Que terão feito? Terão tomado no seu vazio um rosto de mulher? Terão sido ternas? Terão sabido amar?”

E elas sentiram que coisas belas e sorridentes, há
30 muito esquecidas, passadas por mortas, nas suas funduras, saíam do ouvido e vinham, mansas, se dizer no silêncio do morto. A vida renascia na morte graciosa de um morto desconhecido e que, por isto mesmo, por ser desconhecido, deixava que pusessem

35 no seu colo os desejos que a morte em vida proibira...

E os homens, do lado de fora, perceberam que algo estranho acontecia: os rostos das mulheres, maçãs em fogo, os olhos brilhantes, os lábios úmidos, o
40 sorriso selvagem, e compreenderam o milagre: vida que voltava, ressurreição de mortos... E tiveram ciúmes do afogado... Olharam para si mesmos, se acharam pequenos e domesticados, e perguntaram se aquele homem teria feito gestos nobres (que eles não mais faziam) e pensaram que ele teria travado
45 batalhas bonitas (onde a sua coragem?), e o viram brincando com crianças (mas lhes faltava a leveza...), e o invejaram amando como nenhum outro (mas onde se escondera o seu próprio amor?)...

50 Termina a estória dizendo que eles, finalmente, o enterraram.

Mas a aldeia nunca mais foi a mesma...

Não, não é à toa que conto esta estória. Foi quando eu soube da morte – ela cresceu dentro de mim.

55 Claro que eu já suspeitava: os cavalos de guerra odeiam crianças, e o bronze das armas odeia canções, especialmente quando falam de flores, e não se ouve o ruflar lúgubre dos tambores da morte. (...) Foi então que me lembrei da estória. Não, foi ela que se lembrou de mim, e veio, para dar nome aos meus sentimentos, e se contou de novo. Só que agora os rostos anônimos viraram rostos que eu vira, caminhando, cantando, seguindo a canção, risos que corriam para ver a banda passar contando coisas de
60 amor, os rojões, as buzinas, as panelas, sinfonia que se tocava, sobre a desculpa de um morto...

Mas não era isto, não era o morto: era o desejo que jorrava, vida, mar que saía de funduras reprimidas e se espalhava como onda, espumas e conchinhas, mansa e brincalhona... (...)

(ALVES, Rubem. *Folha de S. Paulo*, 19/05/1984.)

QUESTÃO 06

O texto de Rubem Alves, ao abordar essencialmente tensões e transformações, divide-se em duas partes. Pode-se dizer que a primeira e a segunda partes do texto se caracterizam, respectivamente, por:

- (A) ênfase na realidade e na ficção
- (B) foco na terceira e na primeira pessoa
- (C) predomínio da descrição e da narração
- (D) desenvolvimento da argumentação e da contra-argumentação

QUESTÃO 07

A metonímia é uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra em lugar de outra, estabelecendo-se entre elas diferentes relações de sentido.

O fragmento que apresenta um exemplo de metonímia construída por meio da relação entre matéria e objeto é:

- (A) “E o que é que se pode fazer com um morto, se não enterrá-lo?” (l. 10 - 11)
- (B) “Até que uma delas, um leve tremor no canto dos lábios, balbuciou:” (l. 18 - 19)
- (C) “deixava que pusessem no seu colo os desejos que a morte em vida proibira...” (l. 34 - 36)
- (D) “e o bronze das armas odeia canções, especialmente quando falam de flores,” (l. 56 - 57)

QUESTÃO 08

Na história da aldeia em que todas as coisas eram sempre as mesmas, o agente de transformação da atitude dos personagens é um homem morto trazido pelo mar.

Essa afirmativa está justificada no seguinte fragmento:

- (A) “Era uma aldeia de pescadores de onde a alegria fugira,” (l. 1)
- (B) “às vezes é mais grato preparar os mortos para a sepultura que acompanhar os vivos na morte” (l. 13 - 14)
- (C) “A vida renascia na morte graciosa de um morto desconhecido” (l. 32 - 33)
- (D) “Termina a estória dizendo que eles, finalmente, o enterraram.” (l. 50 - 51)

QUESTÃO 09

Olharam para si mesmos, se acharam pequenos e domesticados, e perguntaram se aquele homem teria feito gestos nobres (que eles não mais faziam) e pensaram que ele teria travado batalhas bonitas (onde a sua coragem?), e o viram brincando com crianças (mas lhes faltava a leveza...), e o invejaram amando como nenhum outro (mas onde se escondera o seu próprio amor?)... (l. 42 - 49)

As passagens apresentadas entre parênteses relacionam-se com as passagens que lhes são imediatamente anteriores, caracterizando uma estrutura de argumentação específica.

O tipo de relação estabelecida entre essas passagens e o valor argumentativo nela presente são:

- (A) conclusão – tese
- (B) condição – ironia
- (C) concessão – falácia
- (D) comparação – antítese

QUESTÃO 10

(...) e compreenderam o milagre: vida que voltava, ressurreição de mortos... *E tiveram ciúmes do afogado...*
(l. 40 - 42)

A substituição do conectivo destacado **não** acarreta alteração de valor semântico em:

- (A) Assim, tiveram ciúmes do afogado...
- (B) Embora tivessem ciúmes do afogado...
- (C) Contudo, tiveram ciúmes do afogado...
- (D) Para que tivessem ciúmes do afogado...

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 11 A 13.

(...)
Atrás de portas fechadas,
à luz de velas acesas,
entre sigilo e espionagem,
acontece a Inconfidência.
(...)
05 LIBERDADE, AINDA QUE TARDE,
ouve-se em redor da mesa.
E a bandeira já está viva,
e sobe, na noite imensa.
E os seus tristes inventores
10 já são réus – pois se atreveram
a falar em Liberdade
(que ninguém sabe o que seja).

Através de grossas portas,
sentem-se luzes acesas,
15 – e há indagações minuciosas
dentro das casas fronteiras.
“Que estão fazendo, tão tarde?
Que escrevem, conversam, pensam?
Mostram livros proibidos?
20 Lêem notícias nas Gazetas?
Terão recebido cartas
de potências estrangeiras?”
(...)
Ó vitórias, festas, flores
das lutas da Independência!
25 Liberdade – essa palavra
que o sonho humano alimenta:
que não há ninguém que explique,
e ninguém que não entenda!
(...)

(MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.)

QUESTÃO 11

O poema de Cecília Meireles enfoca um momento específico de tensão política e de oposição aos poderes estabelecidos na história do Brasil.

Os únicos versos que **não** apresentam explicitamente essa referência histórica estão transcritos na seguinte alternativa:

- (A) “entre sigilo e espionagem, / acontece a Inconfidência.” (v. 3 - 4)
- (B) “LIBERDADE, AINDA QUE TARDE, / ouve-se em redor da mesa.” (v. 5 - 6)
- (C) “- e há indagações minuciosas / dentro das casas fronteiras.” (v. 15 - 16)
- (D) “Ó vitórias, festas, flores / das lutas da Independência!” (v. 23 - 24)

QUESTÃO 12

Existem, no poema, diferentes mecanismos de coesão que retomam termos anteriormente citados.

No fragmento “Liberdade – essa palavra” (v. 25), a expressão sublinhada corresponde a um desses mecanismos, que é caracterizado como:

- (A) elipse
- (B) repetição
- (C) substituição
- (D) pronominalização

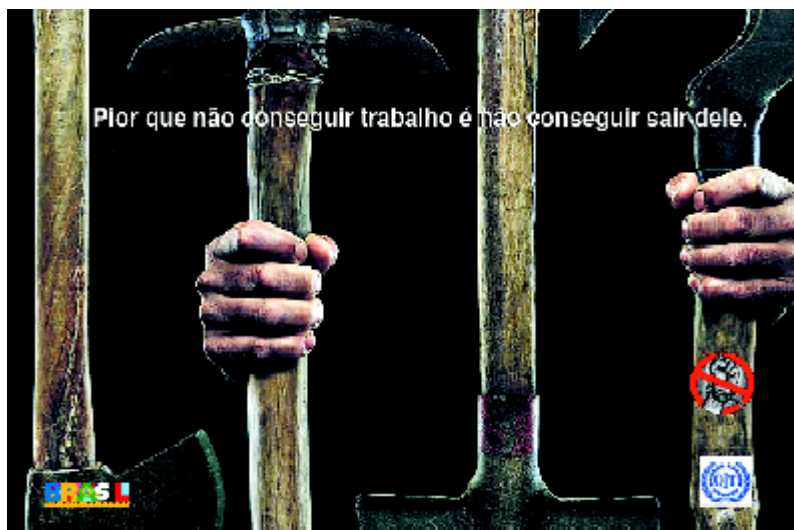
QUESTÃO 13

A necessidade de transformação, em meio a uma sociedade politicamente repressora, está presente em todo o fragmento do poema apresentado.

Essa necessidade mostra-se, de forma mais clara, em:

- (A) “a falar em Liberdade / (que ninguém sabe o que seja).” (v. 11 - 12)
- (B) “Através de grossas portas, / sentem-se luzes acesas,” (v. 13 - 14)
- (C) “Que estão fazendo, tão tarde? / Que escrevem, conversam, pensam?” (v. 17 - 18)
- (D) “Terão recebido cartas / de potências estrangeiras?” (v. 21 - 22)

COM BASE NA PROPAGANDA ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 14 E 15.



<http://www.ilo.org>

QUESTÃO 14

Nessa propaganda, para expressar a necessidade de erradicação do trabalho escravo, as ferramentas apresentam um valor simbólico representado como:

- (A) armas de defesa que sugerem medo de transformações
- (B) grades de prisão que marcam a intensidade da exploração
- (C) instrumentos de luta que mostram o poder dos exploradores
- (D) objetos de tortura que expressam a insignificância do trabalho

QUESTÃO 15

Pior que não conseguir trabalho é não conseguir sair dele.

O trecho sublinhado constitui uma expressão ambivalente que apresenta os seguintes significados:

- (A) ser subjugado e não poder se demitir
- (B) trabalhar muito e não querer progredir
- (C) valorizar o emprego e não lutar por melhorias
- (D) ter estabilidade e não reivindicar seus direitos

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 16 A 19.



Crítica a la no-violencia

El entorno educativo se ha llenado de todo un discurso y una pedagogía dirigida a inculcar la conducta no violenta en los alumnos. Una pedagogía que aboga por una resolución pacífica y dialogada de los conflictos. Esto suena de maravilla y de hecho es muy positivo en muchos casos, sin embargo el descartar la violencia y verla como un camino siempre desacertado tiene un trasfondo mucho más complejo que va más allá de las simples relaciones personales y que merece la pena analizar. Es curioso ver como toda manifestación de violencia por parte de algún colectivo de personas, trabajadores, estudiantes, etc., es siempre condenada sin dilación por muy injusto que sea el motivo de esa rabia que la produce: despidos, explotación. Este hecho es como digo, curioso y susceptible de reflexión de por sí, pero aún lo es más cuando lo comparamos con las manifestaciones violentas que se producen desde el estado y sus instituciones.

Cuando hablamos de intervenciones policiales, represión de manifestaciones, intervenciones militares, etc., el hecho se carga inconscientemente de una increíble legitimidad, que crea una condena mucho más débil, por no decir inexistente, y que hace referencia a una actitud respecto a unas fuentes de violencia diferentes y no a hechos concretos justificados o no. Por lo tanto el continuo bombardeo desde las escuelas para inculcar el rechazo a la violencia se hace con un doble sentido, porque ese rechazo no es igual para cada caso y depende de

quien la ejerza. Recordemos que los educadores en muchas ocasiones justificamos la acción violenta por parte de las fuerzas represivas del estado para acabar con los “ladrones malos” o la gente que no sigue la ley y mandamos el mensaje de la necesidad de que exista un cuerpo con legitimidad para ejercer la violencia y guardar el orden, sin ni siquiera hacer cuestionar los cimientos de ese orden y sus injusticias. Este tipo de educación, no crítica y fomentadora de reflexiones y discrepancias va poniendo esas bases para que en un futuro también legitime ese tipo de acciones de los estados y que con el peso de la misma sociedad, medios de comunicación, etc. reproduzcan esa manera de pensar.

Deberíamos de recordar para intentar completar esta reflexión, que el mensaje: “la violencia nunca llega a ninguna parte”, tan oído hasta la saciedad, es uno de los mayores aliados del nuevo orden económico mundial, el cual a su vez cuenta con ese tipo de violencia legitimada a la que no duda recurrir en caso de encontrarse con obstáculos.

Para terminar he de dejar claro que mi intención es la de conseguir una visión sobre la violencia que se base, no en verdades absolutas y rechazos ciegos, sino en razonamientos y valoraciones de las fuentes de esas expresiones y las estimaciones de sus consecuencias, además de una legitimidad basada en la justicia social y no en las leyes de mercado.

CLAUDIO VELÁZQUEZ
<http://www.lahaine.org>

QUESTÃO 16

El título anticipa la tesis defendida en el texto argumentativo.

El autor defiende la siguiente posición con relación al movimiento de la no-violencia en el entorno educativo:

- (A) resistir a sus líderes
- (B) cuestionar su legitimidad
- (C) involucrarse en sus acciones
- (D) validar su modo de organización

QUESTÃO 17

“la violencia nunca llega a ninguna parte” (ℓ. 46 - 47)

Según lo expuesto en el artículo, esta frase popular debe evaluarse como:

- (A) una opinión general a ser apoyada
- (B) una verdad incontestable a ser revista
- (C) un recurso persuasivo a ser demostrado
- (D) un objetivo educativo a ser desarrollado

QUESTÃO 18

Para Velázquez, existe un conflicto social relacionado al crecimiento de la violencia.

Este conflicto se expresa a través de la siguiente afirmación:

- (A) La población desea una vida tranquila que demanda prácticas violentas de las instituciones del poder.
- (B) La escuela intenta imponer una actitud pacífica que se opone a la naturaleza violenta de la humanidad.
- (C) La vida moderna requiere sumisión a la violencia que implica un proceso educativo pacífico del pueblo.
- (D) Los individuos son recriminados por su agresividad que es fruto de violencias practicadas por grupos sociales.

QUESTÃO 19

A lo largo del texto, se percibe que el autor pertenece a la clase de los profesores.

El fragmento que comprueba la asociación entre Velázquez y el magisterio es:

- (A) “El entorno educativo se ha llenado de todo un discurso y una pedagogía dirigida a inculcar la conducta no violenta en los alumnos.” (ℓ. 1 - 3)
- (B) “Cuando hablamos de intervenciones policiales, represión de manifestaciones, intervenciones militares, etc., el hecho se carga inconscientemente de una increíble legitimidad,” (ℓ. 20 - 23)
- (C) “Recordemos que los educadores en muchas ocasiones justificamos la acción violenta por parte de las fuerzas represivas del estado” (ℓ. 31 - 33)
- (D) “Este tipo de educación, no crítica y fomentadora de reflexiones y discrepancias va poniendo esas bases para que en un futuro también legitime ese tipo de acciones” (ℓ. 39 - 42)

COM BASE NA IMAGEM E NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 20 E 21.



QUESTÃO 20

La campaña de no-violencia en contra la guerra utiliza diferentes recursos gráficos para enfatizar su mensaje. El foco de esta campaña se puede simbolizar a través del siguiente recurso gráfico:

- (A) el sol transmitiendo vida
- (B) la parrilla simulando gritos
- (C) la espiral indicando inquietud
- (D) el verde representando sabiduría

QUESTÃO 21

El texto expone una visión positiva ante la realidad violenta de la guerra. Esa visión positiva está directamente relacionada a la:

- (A) adhesión a una semana de lucha
- (B) divulgación de una campaña de éxito
- (C) valoración del interlocutor como amigo
- (D) creencia en el poder de transformación

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 16 A 19.



Centre de ressources
sur la **non-violence**

Non-violence: les appels à l'action et à la mobilisation

Parmi les moyens non-violents de contestation et de persuasion, les appels à l'action et à la mobilisation ont toujours joué un rôle important. Ils ont été déterminants dans plusieurs luttes ou pour le démarrage de nombreuses initiatives qui ont marqué l'histoire.

Ces appels vont au delà de la simple expression d'une insatisfaction sociale par un groupe de personnes. Le recours à des appels a été fondamental dans la réussite de plusieurs transformations politiques par les luttes non-violentes, et l'appel est un moyen connu des organismes d'opposition politique qui l'utilisent de façon régulière.

Dans certaines dictatures ces actes sont considérés comme des actes de désobéissance civile, passibles de sanctions légales, de sévère répression et parfois même de la peine de mort.

Un appel est une déclaration officielle utilisée comme un moyen de contestation ou de persuasion. Dans un contexte politique particulier, le statut des personnes impliquées ou les risques encourus transforment ce moyen d'action en un geste de désobéissance civile. L'appel qui a pour but de soutenir ou de condamner une situation devient alors un puissant cri de ralliement politique. Selon les personnes impliquées, ou les circonstances qui le motivent, il peut même devenir une menace importante pour le pouvoir établi. L'appel peut prendre diverses formes.

1. Discours publics.
2. Lettres d'opposition ou de soutien.
3. Prises de position par des organismes ou des institutions.
4. Déclaration publique, signée par un groupe ou des personnes représentatives.
5. Accusations et condamnations.
6. Pétitions de groupes ou du public.

Il suffit d'un bref regard sur l'histoire des luttes non-violentes pour constater l'importance des appels à l'action. En fait, l'histoire de la non-violence est incompréhensible si on ne saisit pas le rôle que jouent les personnes qui ont le courage de dénoncer publiquement l'injustice, d'exprimer leur opposition et d'assumer les risques de la lutte contre l'injustice.

L'histoire que nous apprenons dans les livres est celle des gouvernements, des grands faits d'armes et de l'élite économique. L'histoire de la lutte non-violente est celle des enjeux mis en avant par les peuples, des moyens qu'ils ont utilisés pour lutter et des progrès accomplis au niveau des droits humains et sociaux. Chacune des luttes a ses leaders qui se sont fait porteurs d'un appel et qui en ont souvent assumé les conséquences fatales. L'histoire de la non-violence est un florilège important de nombreux actes de courage trop souvent oubliés ou méconnus.

NORMAND BEAUDET
<http://www.nonviolence.ca>

QUESTÃO 16

Dans le texte, l'auteur prend une position par rapport au thème traité.

Cette position est montrée dans l'alternative ci-dessous:

- (A) il est tout à fait partisan de la non-violence
- (B) il est pour la non-violence jusqu'à un certain point
- (C) il préfère l'équilibre entre la violence et la non-violence
- (D) il identifie des aspects discutables dans la non-violence

QUESTÃO 17

Les appels à l'action et à la mobilisation risquent d'être punis.

Ceci a lieu quand ces appels se font dans une société dont le gouvernement peut être caractérisé comme:

- (A) faible
- (B) arbitraire
- (C) populaire
- (D) démagogue

QUESTÃO 18

L'appel qui a pour but de soutenir ou de condamner une situation devient alors un puissant cri de ralliement politique. (l. 23 - 25)

Dans cet extrait, on identifie un changement de la portée de l'appel qui peut, selon le texte, avoir la conséquence suivante:

- (A) dégradation des rapports sociaux
- (B) affaiblissement des droits de l'homme
- (C) destruction des structures économiques
- (D) contestation du gouvernement institué

QUESTÃO 19

En fait, l'histoire de la non-violence est incompréhensible si on ne saisit pas le rôle que jouent les personnes (l. 40 - 42)

Parmi les réécritures ci-dessous, celle qui garde le même sens de cet extrait c'est:

- (A) Malgré le rôle joué par les personnes, on peut comprendre l'histoire de la non-violence.
- (B) Après avoir compris l'histoire de la non-violence, on saisit le rôle que jouent les personnes.
- (C) Pour comprendre l'histoire de la non-violence, il faut saisir le rôle que jouent les personnes.
- (D) Grâce à la compréhension de l'histoire de la non-violence, il est possible de saisir le rôle que jouent les personnes.

COM BASE NA IMAGEM E NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 20 E 21.



La violence est malheureusement complètement intégrée dans nos modes de vie. Elle fait partie de notre culture à tel point qu'elle devient banale. La violence, ça commence par une insulte, ça finit par un coup de poignard pour avoir refusé de donner une cigarette. Au nom de quoi devrions-nous supporter cette "mode" plus longtemps?... Face à cela, nous devons inverser la mode et imposer un système de valeur alternatif: le respect...

<http://perso.wanadoo.fr>

QUESTÃO 20

Deux procédés syntaxiques assurent à ce slogan l'effet d'impact: l'ellipse du verbe et l'inversion du sujet. La rédaction de ce slogan qui utilise le verbe et qui met le sujet à la place usuelle c'est:

- (A) La violence: le respect plus puissant.
- (B) Puissant le respect est plus que la violence.
- (C) Plus que la violence est puissant le respect.
- (D) Le respect est plus puissant que la violence.

QUESTÃO 21

Face à cela, nous devons inverser la mode et imposer un système de valeur alternatif: le respect...

L'utilisation du pronom souligné a l'objectif suivant:

- (A) préserver l'identité de l'auteur
- (B) impliquer le lecteur dans l'action
- (C) démarquer les opinions des auteurs
- (D) attester l'écriture collective du texte

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 16 A 19.



Ways of meeting oppression

Oppressed people deal with their oppression in three characteristic ways. One way is acquiescence: the oppressed resign themselves to their doom. They tacitly adjust themselves to oppression, and thereby
5 become conditioned to it. In every movement toward freedom some of the oppressed prefer to remain oppressed.

There is such a thing as the freedom of exhaustion. Some people are so worn down by the yoke of
10 oppression that they give up. This is the type of negative freedom and resignation that often engulfs the life of the oppressed. But this is not the way out. To accept passively an unjust system is to cooperate with that system; thereby the oppressed
15 become as evil as the oppressor. Non-cooperation with evil is as much a moral obligation as is cooperation with good.

A second way that oppressed people sometimes deal with oppression is to resort to physical violence and
20 corroding hatred. Violence often brings about momentary results. Nations have frequently won their independence in battle. But in spite of temporary victories, violence never brings permanent peace. It solves no social problem; it merely creates
25 new and more complicated ones.

The third way, open to oppressed people in their quest for freedom, is the way of nonviolent resistance. Nonviolence can touch men where the law cannot reach them. When the law regulates

30 behavior it plays an indirect part in molding public sentiment. The enforcement of the law itself is a form of peaceful persuasion. But the law needs help. Here nonviolence comes in as the ultimate form of persuasion. It is the method which seeks to
35 implement the just law by appealing to the conscience of the great decent majority who through blindness, fear, pride, or irrationality has allowed their consciences to sleep.

The nonviolent resisters can summarize their
40 message in the following simple terms: We will take direct action against injustice without waiting for other agencies to act. We will not obey unjust laws or submit to unjust practices. We will do this peacefully, openly, cheerfully because our aim is to
45 persuade. We adopt the means of nonviolence because our end is a community at peace with itself. We will try to persuade with our words, but if our words fail, we will try to persuade with our acts. We will always be willing to talk and seek fair
50 compromise, but we are ready to suffer when necessary and even risk our lives to become witnesses to the truth as we see it.

The way of nonviolence means a willingness to suffer and sacrifice. It may mean going to jail. It
55 may even mean physical death. But if physical death is the price that a man must pay to free his children from a permanent death of the spirit, then nothing could be more redemptive.

MARTIN LUTHER KING Jr.
<http://www.gibbsmagazine.com>

QUESTÃO 16

In the text, the argumentation is structured by means of descriptions of situations and restrictions. The following elements contribute to this structural organization:

- (A) definite articles and gradable adjectives
- (B) forceful tone and contrastive connectives
- (C) short paragraphs and independent clauses
- (D) plural personal pronouns and enumerative conjuncts

QUESTÃO 17

Nonviolent resistance is central to Martin Luther King Jr.'s philosophy as a way to cure society's ills. This action is best understood as a way of:

- (A) turning the other cheek
- (B) avoiding retaliation
- (C) disregarding power
- (D) rejecting injustice

QUESTÃO 18

Laws are not so effective as nonviolent behavior.

The fragment that reiterates the idea of the sentence above is:

- (A) "Nonviolence can touch men where the law cannot reach them." (l. 28 - 29)
- (B) "When the law regulates behavior it plays an indirect part in molding public sentiment." (l. 29 - 31)
- (C) "Here nonviolence comes in as the ultimate form of persuasion." (l. 33 - 34)
- (D) "We will not obey unjust laws or submit to unjust practices." (l. 42 - 43)

QUESTÃO 19

Reflexive pronouns have two distinct uses: basic and emphatic.

The reflexive pronoun used emphatically is found in:

- (A) "the oppressed resign themselves to their doom." (l. 2 - 3)
- (B) "They tacitly adjust themselves to oppression," (l. 3 - 4)
- (C) "The enforcement of the law itself" (l. 31)
- (D) "our end is a community at peace with itself." (l. 46)

COM BASE NA IMAGEM E NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 20 E 21.



<http://print-a-poster.p-posters.com>

QUESTÃO 20

The text and image above are very effective in claiming for peace. According to Indira Gandhi, peacemaking is essentially related to:

- (A) strength
- (B) persuasion
- (C) receptivity
- (D) competition

QUESTÃO 21

The popular quotation that best expresses the message of the campaign is:

- (A) A peacemaker does not mean a peaceful person.
- (B) No one is really working for peace unless he is willing to do so.
- (C) You don't have to kill a person to make him agree with your positions.
- (D) All men desire peace, but very few desire those things which make for peace.